

# Os séculos XX: a Paixão pelo Real e a Razão Cínica

---

## The XX<sup>th</sup> centuries: Passion of the Real and Cynical Reason

José Mauro Garboza Junior\*

### RESUMO

Falar de fragmentos de século em vez de “O Século XX” é abrir possibilidades para que momentos paralelos povoem os domínios do pensamento durante um dado recorte. Segundo a sugestão metodológica de Alain Badiou, este século poderia ser dividido segundo quatro orientações, a saber: a) o “pequeno século soviético” (1914-1989); b) o século guiado pela “memória”, ou século histórico, cujo critério de aferição é o cômputo dos mortos (1914-1949[1956]); c) o século comunista ([1793]1917-1976); d) o século da vitória do capital, do mercado mundial e da democracia parlamentarista (1970-2000). Através desses caminhos, pode-se extrair dois paradigmas essenciais por meio dos quais uma análise minuciosa tornaria a investigação sobre o século XX possível – a Paixão pelo Real (*Passion du réel*) e a Razão Cínica (*zynischen Vernunft*). Esta como um novo produto de uma lógica emergente na qual orienta os meios de informação a não mais distinguir os pontos de vista, mas sim de reproduzi-los sem qualquer diferença (a própria ambigüidade da confusão impede o embate para a tomada de poder, restando aos receptores das mensagens a única opção de colocar todas as teorias e práticas no saco comum da vulgaridade). Por outro lado, o primeiro modelo configura-se numa tentativa compulsória de causar a qualquer custo um distúrbio cada vez maior na realidade para conquistar, além do princípio do prazer, o prêmio de se encontrar com o real. Como objetivo, este trabalho tenta fazer um balanço geral das diferentes formas de associação social deste brevíssimo século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marxismo. Revolução Outubro. Paixão pelo Real. Razão Cínica.

### ABSTRACT

Speaking of fragments of a century instead of "The Twentieth Century" can offers possibilities for parallel moments to populate the realms of thought in a certain cut. According to the methodological suggestion of Alain Badiou, this century could be divided according to four orientations, namely: a) the "Soviet little century" (1914-1989); b) the century guided by the "memory", or historical century, whose criterion of measurement is the calculation of the dead (1914-1949 [1956]); c) the Communist century ([1793] 1917-1976); d) the century of the victory of capital, the world market and parliamentary democracy (1970-2000). Through these paths, two essential paradigms can be extracted through which a thorough analysis would make research on the twentieth century possible – Passion of the Real (*Passion du reel*) and Cynical Reason (*zynischen Vernunft*). It is a new product of an emerging logic in which it directs the media to no longer distinguish the points of view, but to reproduce them without any difference (the very ambiguity of the confusion prevents the clash for the

taking of power, remaining To recipients of messages the only option of putting all theories and practices into the common bag of vulgarity). On the other hand, the first model is a compulsory attempt to cause at any cost an ever greater disturbance in reality to conquer, in addition to the pleasure principle, the prize of meeting the real. As an objective, this paper tries to make an overall assessment of the different forms of social association at this brief twentieth century.

**KEYWORDS:** Marxism. October Revolution. Passion of the Real. Cynical Reason.

## 0. PRELIMINARES

Ser um comunista na filosofia é tornar-se partidário e perito na filosofia marxista-leninista, a do materialismo dialético.

Não é fácil ser um filósofo marxista-leninista. Como todo "intelectual", o professor de filosofia é um pequeno burguês. Quando ele abre a boca, sua ideologia pequeno-burguesa fala: seus truques e espertezas são infinitos.

Você sabe o que [Lênin](#) diz dos "intelectuais". Individualmente, alguns deles poderiam (politicamente) ser considerados *revolucionários* e corajosos. Mas no conjunto eles permanecem sendo *pequeno-burgueses* "incorrigíveis" na ideologia. O próprio [Gorki](#) era, para [Lênin](#) (que admirava seus talentos), um revolucionário pequeno-burguês. Para se tornarem "ideólogos da classe operária" ([Lênin](#)), "intelectuais orgânicos" do proletariado ([Gramsci](#)), os intelectuais devem atingir uma revolução radical em suas idéias: uma longa, dolorosa e difícil re-educação. Uma interminável luta exterior e *interior*.<sup>1</sup>

— Quais marxistas Marx leu?

Essa pergunta se apresenta como um recurso misterioso ainda hoje em toda tradição marxista, até mesmo materialista. Foi usada por profanadores e apoiadores, da direita e da esquerda, em uma perspectiva revolucionária e em uma perspectiva tanto conservadora quanto reacionária. Esse brocardo persegue o espectro da obra de Marx e de sua tradição desde sua gênese<sup>2</sup>. “Qual partido de oposição não foi qualificado por

---

<sup>1</sup> Todas as epígrafes logo após cada seção deste trabalho compõem uma revista dada por Louis Althusser à seguinte pergunta: **2 Você poderia ser mais preciso: por que em geral é tão difícil ser um comunista na filosofia?** In.: \_\_\_\_\_. A Filosofia Como Uma Arma Revolucionária Louis Althusser Fevereiro de 1968. Disponível em: <http://www.marxistsfr.org/portugues/althusser/1968/02/filosofia.htm>

<sup>2</sup> Além disso, há hoje um conjunto [de pessoas] para quem a concepção materialista da história serve de pretexto para não estudarem história. Exactamente como Marx dizia dos «marxistas» franceses do fim dos anos 70: «Tout ce que je sais, c'est que je ne suis pas Marxiste.» Carta a Conrad Schmidt (em Berlim) Friedrich Engels 5 de Agosto de 1890 – Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/08/05.htm>

seus adversários por isso? Qual partido, por sua vez, não lançou de volta essa acusação, tanto a seus opositores quanto a seus adversários?”

Mas, afinal, como essa primeira consideração pode ajudar a pensar os extratos de tempo? Como pensar nos dois séculos (século XX e século XXI) a partir das contribuições dos outros dois séculos (a tese de que no interior mesmo do século XX se poderia falar em “dois séculos”)? Falar de fragmentos de século em vez de “O Século XX” é abrir possibilidades para que momentos paralelos povoem os domínios do pensamento durante um dado recorte.

À primeira vista os recortes pareceriam arbitrários. Inúmeros parâmetros rechearia toda a discussão: a métrica temporal propriamente dita (quanto “dura” um século?); a qualidade a partir da propriedade da coisa (quanto “tem” um século?); ou até mesmo a fórmula constante e universal para um e todos os recortes (qual seria a “regra geral” que comporia sua determinação?). Inúmeros autores tentaram a sua maneira, estipular critérios para seus próprios séculos<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Destaco alguns dos autores segundo Hobsbawm nas primeiras páginas de sua obra sob o título *DOZE PESSOAS VÊEM O SÉCULO XX*:

“*Isaiah Berlin* (filósofo, Grã-Bretanha): ‘Vivi a maior parte do século xx, devo acrescentar que não sofri provações pessoais. Lembro-o apenas como o século mais terrível da história’.

*Julio Caro Baroja* (antropólogo, Espanha): ‘Há uma contradição patente entre a experiência de nossa própria vida – infância, juventude e velhice passadas tranquilamente e sem maiores aventuras – e os fatos do século xx... os terríveis acontecimentos por que passou a humanidade’.

*Primo Levi* (escritor, Itália): ‘Nós, que sobrevivemos aos Campos, não somos verdadeiras testemunhas. Esta é uma idéia incômoda que passei aos poucos a aceitar ao ler o que outros sobreviventes escreveram – inclusive eu mesmo, quando releio meus textos após alguns anos. Nós, sobreviventes, somos uma minoria não só minúscula, como também anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras’.

*René Dumont* (agrônomo, ecologista, França): ‘Vejo-o apenas como um século de massacres e guerras’.

*Rita Levi Montalcini* (Prêmio Nobel, ciência, Itália): ‘Apesar de tudo neste século houve revoluções para melhor [...] o surgimento do Quarto Estado e a emergência da mulher, após séculos de repressão’.

*William Golding* (Prêmio Nobel, escritor, Grã-Bretanha): ‘Não posso deixar de pensar que este foi o século mais violento da história humana’.

*Ernst Gombrich* (historiador da arte, Grã-Bretanha): ‘A principal característica do século xx é a terrível multiplicação da população do mundo. É uma catástrofe, uma tragédia. Não sabemos o que fazer a respeito’.

*Yehudi Menuhin* (músico, Grã-Bretanha): ‘Se eu tivesse de resumir o século xx, diria que despertou as maiores esperanças já concebidas pela humanidade e destruiu todas as ilusões e ideias’.

*Severo Ochoa* (Prêmio Nobel, ciência, Espanha): ‘O mais fundamental é o progresso da ciência, que tem sido realmente extraordinário [...] Eis o que caracteriza nosso século’.

*Raymond Firth* (antropólogo, Grã-Bretanha): ‘Tecnologicamente, coloco o desenvolvimento da eletrônica entre os fatos mais significativos do século xx; em termos de idéias, destaco a passagem de uma visão relativamente racional e científica das coisas para outra não racional e menos científica’.

Para fins dessa apresentação tentamos trazer apenas alguns nomes como os de Eric Hobsbawm, Michel Foucault, Peter Sloterdijk e Alain Badiou para compor nosso quadro de referências. O primeiro é reconhecido por sua pesquisa na grande histórica econômica publicada inicialmente pela trilogia das Eras – *A Era das Revoluções (1789-1848)*, *A Era do Capital (1848-1875)*, e *A Era dos Impérios (1875-1914)* – e, ao final, o quarto título *A Era dos Extremos (1914-1991)*. É nesta última obra em que Hobsbawm apresenta sua tese nomeando o Breve Século XX a partir de três experiências: a “Era da Catástrofe” de 1914 a 1945 que compreenderia o período das duas guerras; a “Era do Ouro” de 1945 a 1970 que indicaria uma leve ascensão do modo de vida mundial; e o “Desmoronamento” de 1970 a 1991 que finalizaria o período.

Foucault apresenta uma versão própria das temporalidades e historicidades em seus trabalhos. Muito mais ligado à descontinuidade, suas pesquisas apresentaram um rico arsenal conceitual para se pensar nas complexidades do “passar do tempo”. Após a publicação de *História da Loucura* (1961), de *O Nascimento da Clínica* (1963) de *As Palavras e as Coisas* (1966), o filósofo francês recolhe todas as críticas dirigidas a ele naquele momento e produz uma obra de autocrítica, uma obra de autoesclarecimento, uma obra sobre seu próprio método e suas correções: *A Arqueologia do Saber* (1969)<sup>4</sup>. Sua maior contribuição talvez tenha sido a proposição de pensar extratos temporais em segmentos pouco determinados numericamente, mas que contém um alto grau de solidez material e epistemológica, separar e dividir certos períodos de acordo com a construção ideal do pensamento e reduzi-la a átomos analisáveis e moldáveis – ou, no seu próprio jargão, fazer uma *analítica das epistêmes*.

Peter Sloterdijk propõe sua própria medida escalar do tempo. Em sua obra estão presentes uma “teoria da globalização” estranhíssima e uma “teoria temporal

---

*Leo Valiani* (historiador, Itália): ‘Nosso século demonstra que a vitória dos ideais de justiça e igualdade é sempre efêmera, mas também que, se conseguimos manter a liberdade, sempre é possível recomeçar [...] Não há por que desesperear, mesmo nas situações desesperadas’.

*Franco Venturini* (historiador, Itália): ‘Os historiadores não têm como responder a essa pergunta. Para mim, o século xx é apenas um esforço sempre renovado de entendê-lo’.” HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 11-12.

<sup>4</sup> Destaco o trecho: “Neste ponto se determina uma empresa cujo perfil foi traçado por *Histoire de la folie, Naissance de la clinique, Les mots et les choses*, muito imperfeitamente. Trata-se de uma empresa pela qual se tenta medir as mutações que se operam, em geral, no domínio da história; empresa onde são postos em questão os métodos, os limites, os temas próprios da história das idéias; empresa pela qual se tenta desfazer as últimas sujeições antropológicas; empresa que quer, em troca, mostrar como essas sujeições puderam-se formar. Estas tarefas foram esboçadas em uma certa desordem, e sem que sua articulação geral fosse claramente definida. Era tempo de lhes dar coerência – ou, pelo menos, de colocá-las em prática. O resultado desse exercício é este livro.” FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 18.

política” (ou, em seus termos, uma teoria político-psicológica). Sem dúvida alguma é um autor que conseguiu trazer para a filosofia os elementos mais profícuos das narrativas científicas e ficcionais; ele escreve suas considerações com uma criatividade pouco vista nos pensadores do século passado. É certamente um pensador para do século XXI.<sup>5</sup>

Por fim, segundo a sugestão metodológica de Alain Badiou, este século XX poderia ser dividido segundo quatro orientações, a saber: a) o “pequeno século soviético” (1914-1989); b) o século guiado pela “memória”, ou século histórico, cujo critério de aferição é o cômputo dos mortos (1914-1949[1956]); c) o século comunista ([1793]1917-1976); d) o século da vitória do capital, do mercado mundial e da democracia parlamentarista (1970-2000).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Destaco apenas uma das propostas de recortes temporais sugeridos por Peter Sloterdijk: “São três formações cuja sucessão pode ser apresentada como um progresso da abstração real – como se o conceito de humanidade tivesse esperado centenas de milhares de anos, como se um gênio esperasse dentro da garrafa empoeirada, até finalidade, na Idade Axial, aparecerem os primeiros universalistas, tão levianos a ponto de sacar a rolha – com conseqüências que desde então têm dado trabalho a teólogos, filósofos-historiadores e diretores do Fundo Monetário Internacional. A partir das três imagens quero mostrar como, da madeira torta da pré-humanidade de hordas, foram inicialmente talhadas as antigas populações de caçadores e colhedoras; como então, a era agro-cultural, os impérios e reinos locais foram dispostos em camadas superpostas; e por último, no industrialismo, como uma sociedade de trânsito internacional que tende à desfronteirização começa a criar relações plenárias pós-imperiais. Um pintor teria de dar-se tempo para apresentar uma espécie de teoria em três etapas da história da humanidade, inspirada na metáfora da navegação. Nada seria mais oportuno do que apresentar o primeiro período sob o símbolo de jangadas, nas quais pequenos grupos de pessoas navegam através de gigantesco espaços de tempo; o segundo, como era da navegação costeira, com galeras nacionais e regatas de dominação, saindo para arriscadas e distantes metas por meio de uma visão de grandeza psiquicamente ancorada na Santa Ordem Masculina; e o terceiro, como era dos super-ferries que, quase inconduzíveis pela enormidade, trafegam por um mar de afogandos, com turbulências trágicas se abatendo no casco do navio e aflitas conferências a bordo sobre a arte do possível. Tudo isso minuciosamente executado resultaria num afresco histórico e mundial de formatos hegelianos – para total irritação daqueles que acolheram aliviados a tese de que grandes narrativas não seriam mais possíveis. No que nos diz respeito, teremos de nos contentar em delimitar os estágios da paleopolítica, da política clássica e da hiperpolítica com traços extremamente rudimentares. Resta acrescentar que esse esboço está ligado à reconstrução lógica hegeliana da história do mundo e do espírito apenas por dois finos fios – a preferência pelo número três e o intangível lema: ‘Tanto pior para os fatos.’” SLOTERDIJK, P. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica*. tradução de Cláudia Cavalcanti. – São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 16-17.

<sup>6</sup> Destaco um longo trecho que sustenta nossa principal tese para este trabalho: “Deixemos que essa mestra do momento, a História, nos tente. A História, que supomos ser o suporte maciço de toda política, poderia sensatamente dizer: o século começa com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), guerra que inclui a Revolução de Outubro de 1917, e termina com o desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.) e o fim da Guerra Fria. É o pequeno século (65 anos) vigorosamente unificado. O século soviético, em suma. Construimo-lo com a ajuda de parâmetros históricos e políticos completamente reconhecíveis, completamente clássicos: a guerra e a revolução. Guerra e revolução estão aqui especificadas como ‘mundial’. O século articula-se em torno de duas guerras mundiais de um lado e, de outro, em torno da origem, do desdobramento e do desmoronamento do empreendimento chamado ‘comunista’ na condição de empreendimento global. É verdade que outros, também obcecados pela História ou pelo que denominam “memória”, contam o século de forma bem diferente. E posso segui-los sem problema. Desta vez, o século é o lugar de acontecimentos tão apocalípticos, tão apavorantes, que a única categoria com que seja apropriado pronunciar sua unidade é a de crime. Crimes do comunismo stalinista e crimes nazistas. No coração do século, há então – Crime que dá a dimensão dos crimes – o

Através desses caminhos, nesta mistura heterogênea, pode-se extrair duplos de duplos essenciais por meio dos quais uma análise minuciosa tornaria a investigação sobre o século XX possível – a Paixão pelo Real (*Passion du réel*) e a Razão Cínica (*zynischen Vernunft*). Assim como quando alguém, ao olhar-se através do espelho vê o próprio espelho e seu reflexo: esse mesmo agente só pode os ver a partir do exemplo orientado de seu juízo (*como se* fossem duas irmãs gêmeas – seus gestões, opiniões, preferências, atividades podem até ser diferentes, porém a preservação de suas aparências ainda garante uma similitude invejável, seus traços familiares são capazes de uni-las querendo ou não). Paralelamente ao espelho, os exemplos Paixão pelo Real e Razão Cínica só podem vir acompanhados com um juízo transcendentalmente imanente. Esse é o exemplo negativo, de crítica destruidora dos exemplos, o que eu proponho é a crítica †positiva, uma saída, uma salvação, uma alternativa em face às duas opções – a *Hipótese Comunista*. O objetivo aqui é, também, deixar claro que essas duas modalidades de regimes de pensamento são identificações para modelos de esgotamento da idade contemporânea. Na seguinte seção, serão brevemente apresentados dois exemplos que são produtos correspondentes às duas metades do século XX e, conseqüentemente, permanecem atuais ao século XXI: a Paixão pelo Real e a Razão Cínica. O tema dos duplos é tão antigo quanto à origem da escrita.

---

extermínio dos judeus na Europa. O século é século maldito. Para pensá-lo, os parâmetros maiores são os campos de extermínio, as câmaras de gás, os massacres, a tortura, o crime organizado de Estado. O número intervém como qualificação intrínseca, porque a categoria de crime, desde que ligada ao Estado, designa o massacre em massa. O balanço do século apresenta de imediato a questão da contagem dos mortos. Por que essa vontade de contagem? O julgamento ético só encontra seu real no excesso esmagador do crime, na conta de vítimas aos milhões. A contagem é o ponto em que a dimensão industrial da morte cruza a necessidade do julgamento. A contagem é o real que se supõe no imperativo moral. A conjunção desse real e do crime de Estado comporta um nome: esse século é o século totalitário. Reparemos que é menor ainda que o século ‘comunista’. Começa em 1917 com Lenin (alguns gostariam de fazê-lo começar em 1793 com Robespierre, mas aí seria muito longo), atinge seu zênite em 1937 por parte de Stalin, em 1942-45 por parte de Hitler, e termina fundamental em 1976, com a morte de Mao Tse-tung. Dura, portanto, uns sessenta anos. Pelo menos se ignorarmos alguns sobreviventes exóticos, como Fidel Castro, ou alguns ressurgências diabólicas e excêntricas, como o islamismo ‘fanático’. No entanto, continua possível, para quem passa friamente por cima desse pequeno século em seu furor mortal ou para quem o transforma em memória ou em comemoração contrita, pensar historicamente nossa época com base em seu resultado. Em última análise, o século XX seria o do triunfo do capitalismo e do mercado mundial. A correlação feliz do Mercado sem restrição e da Democracia sem margens teria por fim, enterrando as patologias do querer descontrolado, instaurado o sentido do século como pacificação, ou sabedoria da mediocridade. O século expressaria a vitória da economia, em todos os sentidos do termo, o Capital, como economia das paixões desvairadas do pensamento. É o século liberal. Esse século em que o parlamentarismo e seu sustentáculo abrem o caminho real para idéias minúsculas é o mais curto de todos. Começando na melhor das hipóteses depois dos anos 70 (últimos anos de exaltação revolucionária), dura trinta anos. Século feliz, dizem. Restos do século.” BADIOU, A. *O século*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 10-13.

\*\*\*

O exercício feito nessas folhas está ligado intrinsecamente à comemoração aos 100 anos da Revolução de Outubro e aos 150 anos da publicação do primeiro volume de *O Capital* de Karl Marx. Agradeço imensamente ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo – NIEP-MARX da Universidade Federal Fluminense – UFF pelo oferecimento do evento *Marx e o Marxismo 2017 – de O Capital à Revolução de Outubro (1867-1917)* na cidade de Niterói no Rio de Janeiro, bem como aos camaradas do coletivo *Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia - CEII*.

Antes de defender com unhas e dentes as propostas aqui, penso que há um elemento que ainda pode ser comum e todos aqueles que se autodenominam como marxistas de alguma forma. É um exercício singelo de humildade e de colaboração, individual ou conjunto, solitário ou barulhento, silencioso ou escandaloso, um exercício fundamental sem o qual nenhum projeto político pode ser certo, é a condição de possibilidade fundamental: *o exercício da autocrítica*. E é só isso que queremos e devemos fazer hoje!

Queremos, aqui, tocar em apenas quatro pontos:

1. *Marxistas só lêem marxistas* – é evidente que a produção dita marxista é demasiado ampla. No entanto, nós, como marxistas, precisaríamos aprender como poder fazer um uso (ou até um novo uso) de certos arranjos teóricos vindos de outros domínios do saber, seja para que a teoria marxista ganhe em consistência, seja para podermos produzir uma crítica consistente aos adversários. Para isso, seria preciso entender o marxismo como um local definido e não-todo de todo o saber, é uma Ciência ajustada aos seus próprios objetos e condições. Ainda, que há significativas contribuições que auxiliam o aprimoramento das categorias e dos conceitos marxianos e marxistas<sup>7</sup>;
2. *Interpretar a Revolução de Outubro dentro do contexto da Paixão pelo Real (Primeira metade do século XX)* – queremos mostrar que a lógica de 1917 pode ser

---

<sup>7</sup> É por isso que fizemos uso de resgatas as considerações de Foucault e de Sloterdijk a respeito dos séculos. Por incrível que pareça, é no século XX que o marxismo ganhou ótimos presentes dos outros campos teóricos: a questão do circuitos de troca e do fetichismo com Marcel Mauss, Sigmund Freud, Georges Bataille; a questão do proletariado e as massas com Gustave le Bon, Elias Canetti, Wilhelm Reich; as novas epistemologias materialistas com Gaston Bachelard, Geoges Canguilhem, Alexandre Koyré.

analisada de acordo com a redução teórica feita sob o paradigma da Paixão pelo Real, ou seja, que esse evento está inserido dentro de uma forma-padrão de dinâmica própria da primeira metade do século XX. Se essa premissa for aceita, teremos um campo aberto para uma nova teoria do totalitarismo;

3. *Interpretar a Revolução Cultural dentro do contexto da Razão Cínica (Segunda metade do século XX)* – do mesmo modo, a segunda metade do século XX também oferece um paradigma muito curioso. Se aceitarmos essa premissa, teremos oportunidade para uma nova teoria da ideologia;
4. *Apresentar como resultados possibilidades* – é possível nos localizar em meio a essa confusão tática e estratégica generalizada. Se aceitarmos essa premissa, poderemos construir em comum uma nova teoria da organização política.

## 1. A PAIXÃO PELO REAL

Os proletários têm um "instinto de classe" que os ajuda a alcançar "posições de classe" proletárias. Os intelectuais, por outro lado, têm um instinto de classe pequeno-burguês que se opõe ferozmente a essa transição.

Uma *posição de classe* proletária é mais do que um mero "instinto de classe" proletário. É a consciência e a prática que estão de acordo com a realidade *objetiva* da luta de classe proletária. O instinto de classe é subjetivo e espontâneo. A posição de classe é objetiva e racional. Para atingir as posturas de classe proletárias, o instinto de classe dos proletários necessita apenas ser *educado*; o instinto de classe dos pequeno-burgueses (e, logo, dos intelectuais) necessita, por outro lado, ser *revolucionado*. Essa educação e essa revolução são, em última análise, determinadas pela luta de classe proletária conduzida desde a base pelos princípios da *teoria* marxista-leninista.

Como diz o [\*Manifesto Comunista\*](#), o conhecimento dessa *teoria* pode ajudar *certos* intelectuais a atingirem posições da classe operária.

Segundo Alain Badiou “uma das grandezas do século foi procurar pensar a relação, muitas vezes obscura num primeiro momento, entre violência real e aparente semblante, entre rosto e máscara, entre nudez e travestimento.” E continua: “esse

aspecto nos mais variados registros, indo da teoria política à prática artística.”<sup>8</sup> Primeira definição possível de Paixão pelo Real<sup>9</sup>.

Essa tal paixão tenta compulsoriamente causar a qualquer custo um distúrbio cada vez maior na realidade para conquistar, além do princípio do prazer, o prêmio de se encontrar com o real (ou melhor, tenta “furar” o real) – fenômenos típicos de *forçamento* histórico, consolidação das grandes narrativas científicas jurídicas, e a tentativa última de aproximar o texto-norma da prática-vida da população. Ela pode ser identificada naquelas ações que tentam, a todo custo, ultrapassar forçosamente os limites estabelecidos dados pela montagem da realidade. No jargão psicanalítico, é a tentativa “de tocar o real, de furar o real”<sup>10</sup>.

Sobre essa analítica, duas determinações se apresentam como traços distintivos:

a) a Paixão pelo Real está *para além do princípio do prazer*; e

b) a Paixão pelo Real se encontra em um mundo onde *real e semblante convivem indiferenciadamente*.

Enquanto projeto de ultrapassar as fronteiras da realidade (a), as ações por essa paixão não encontram barreiras de qualquer ordem que representem um cerceamento de suas próprias atividades. Ao perder essas barreiras, as ações perdem-se em si mesmas (b) não encontrando mais parâmetro algum que guie tais atividades. Eis o paradoxo da Paixão pelo Real muito bem observado por Žižek

Os dois últimos exemplos indicam o paradoxo fundamental da ‘paixão pelo Real’: ela culmina no seu oposto aparente, num espetáculo teatral – desde o espetáculo dos julgamentos de Stalin até os atos

---

<sup>8</sup> BADIOU, A. *O século*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 81.

<sup>9</sup> Trata-se de apresentar dois grandes corpos conceituais que compõem condutas correspondentes às duas metades do século XX e que persistem, de uma maneira ou de outra, o século presente: a Paixão pelo Real (*Passion du réel*) e a Razão Cínica (*zynischen Vernunft*).

<sup>10</sup> Faço uso das indicações de Slavoj Žižek para uma possível definição de Paixão pelo Real: “Ao contrário do século XIX dos projetos e ideais utópicos ou científicos, dos planos para o futuro, o século XX buscou a coisa em si – a realização direta da esperada Nova Ordem. O momento último e definidor do século XX foi a experiência direta do Real como oposição à realidade social diária – o Real em sua violência extrema como o preço a ser pago pela retirada das camadas enganadoras da realidade. (...) Outra versão da mesma ‘paixão pelo Real’, em oposição ao ‘serviço dos bens’ na realidade social, é claramente visível na revolução cubana. Ao transformar necessidade em virtude, a Cuba de hoje continua heroicamente a desafiar a lógica capitalista do desperdício e da obsolescência planejada: muitos dos produtos usados lá são tratados no Ocidente como sucata – não somente os conhecidos carrões americanos da década de 1950 que ainda funcionam quase por mágica, mas até mesmo muitos ônibus escolares amarelos canadenses (em que as antigas legendas em inglês e francês ainda são perfeitamente legíveis), provavelmente doados a Cuba e usados desde então no transporte público”. ŽIŽEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 22-23.

espetaculares de terrorismo. Se a paixão pelo Real termina no puro semblante do espetacular efeito do Real, então, em exata inversão, a paixão pós-moderna pelo semblante termina numa volta violenta à paixão pelo Real. Vejamos o exemplo das pessoas, geralmente mulheres, que sentem uma necessidade irresistível de se cortar com lâminas ou de se ferir de outras formas; trata-se de um paralelo exato da virtualização de nosso ambiente: representa uma estratégia desesperada de volta ao Real do corpo.<sup>11</sup>

Não é a toa que neste ponto Peter Sloterdijk lança críticas duríssimas sobre os movimentos emancipatórios desse momento no qual “as correntes militantes dos séculos XIX e XX convergem, não importando se elas seguiram antes as palavras de ordem anarquistas, comunistas, internacional-socialistas ou nacional-socialistas.”<sup>12</sup>

Façamos um exercício: a partir dos quatro operadores propostos por Alain Badiou sobre o século XX, podemos dizer que eles mesmos podem ser divididos em dois – a) o “pequeno século soviético” (1914-1989) pode ser dividido em “pequeno século soviético movido pela Paixão pelo Real” (1914-1953) e “pequeno século soviético movido pela Razão Cínica” (1953-1989); b) o século guiado pela “memória” (1914-1949[1956]) pode ser dividido em “século guiado pela memória do forçamento do Real” (1914-1945) e “século guiado pela memória Cínica” (1945-1956); c) o “século comunista” dividido em “século comunista apaixonado realmente” (1917 e 1965) e “século comunista cínico” (1918-1964 e 1969-1976); por fim, d) o “século da vitória do capital” (1970-2000) dividido em “século do capital real” (1970-1990) e “século do capital fictício” (1990-).

É importante remarcar que não se trata de uma Ruptura<sup>13</sup>. Essas duas metades, para nosso exemplo, devem funcionar como nada mais que dois paradigmas.

---

<sup>11</sup> ŽIŽEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 26.

<sup>12</sup> SLOTERDIJK, P. *Ira e tempo: ensaio político-psicológico*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 157. Ao tratar dos movimentos do início do século XX, em *Ira e Tempo*, Sloterdijk analisa esse recorte a partir da formação do que ele chama de “Bancos de Ira” – momento (crono-)lógico posterior à “teoria geral da ira” e à “metafísica da vingança”. Segundo o autor: “nesse banco não são comprimidos apenas as indignações acumuladas, mas lembranças de sofrimentos e os impulsos irados do passado numa massa de valor e de energia ativa; a partir de agora, essas intensidades revolucionárias também estão à disposição no real para o reinvestimento. O futuro se tornaria, então, substancialmente idêntico aos rendimentos oriundos das somas de ira e indignação estabelecidas a longo prazo.” SLOTERDIJK, P. *Ira e tempo: ensaio político-psicológico*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 177.

<sup>13</sup> “Em todo acontecimento político, há necessariamente uma mistura de diversas linhas; linhas que podem tanto compor, quanto se opor ou se confrontar. Uma linha (de interesse) instalada na atualidade das relações de poder, de significações e de dominações estabelecidas, e uma linha (do desejo ou do possível) que suspende as relações de poder, neutraliza as significações dominantes, recusa as funções e os papéis de comando e submissão implicados na divisão social do trabalho, uma linha que cria um novo bloco de possibilidades. A linha do movimento tem causas, persegue objetivos e abre à luta um espaço previsível, calculável e provável. A linha da não mobilização a partir da suspensão das leis do capital se

\*\*\*

Não há melhor maneira de definir esse estado teórico do que neste trecho de Badiou:

Começemos pelos marxistas ou marxianos. Os que eram desse século atribuíam extraordinária importância à noção de ideologia, que designa o poder de travestimento da falsa consciência no tocante a um real descentrado, não apreendido, não identificado. A ideologia é figura discursiva mediante a qual se concretiza a representação das relações sociais, montagem imaginária que, entretanto, re-presenta um real. Há, pois, realmente na ideologia algo de quase teatral. A ideologia coloca em cena figuras da representação em que a violência primordial das relações sociais (a exploração, a opressão, o cinismo desigualitário) é mascarada.<sup>14</sup>

Não seria o caso da Revolução ocorrida em 1917? A Revolução de 1917 não estaria inserida nessa lógica de ação? Não agiria ela por esse paradigma? É possível

---

engaja em um processo não calculável, imprevisível e incerto, que Félix Guattari pensavam poder apreender apenas pelo viés de um “paradigma estético”, pois a subjetividade e as instituições devem ser inventadas, mas segundo uma lógica completamente distinta daquela do trabalho ou da fabricação. De início, um acontecimento político não muda nem o mundo nem a sociedade; ele se limita a operar uma reversão de perspectivas da subjetividade e a abrir a passagem de um modo de existência para outro. A ruptura do acontecimento constitui apenas um esboço e um começo, cuja realização é indeterminada, improvável e até mesmo “impossível” de acordo com os princípios do poder estabelecido. Claro, uma luta política só pode articular dois momentos do acontecimento, passando continuamente de um para outro (do possível à sua atualização e vice-versa). Mas para se desenvolver, para ganhar consistência, a linha do não movimento, da recusa do trabalho, permanece estratégica e deve transformar a linha de interesses e de instituições. A ruptura vem da história e, a partir do momento não histórico, intempestivo da ruptura, deve retornar à história para transformar tanto as relações de poder quanto a subjetividade. Essa dupla dinâmica, mais ou menos heterogênea, bem como a existência e as relações dessas linhas, constitui o problema da organização política contemporânea. Os possíveis criados pelo acontecimento-ruptura constituem a problemática política, em torno da qual se desencadeia a batalha política pela sua realização ou pela sua neutralização. O que se chama de “traição”, cooptação e “reformismo” não vem depois, mas são alternativas presentes desde o início da luta. Rebater a linha de criação de possíveis e a sua realização na linha de relações de poder estabelecidas, separar a linha do movimento da linha do não movimento e jogar uma contra a outra é o objetivo da instituição capitalista e da “esquerda” sindical e política.” LAZZARATO, Maurizio. *Glossário do homem endividado*. São Paulo: n-1 edições, 2016 (PANDEMIA Série de cordéis), p. 20-23.

<sup>14</sup> E continua: “Como o distanciamento brechtiano no teatro, a ideologia organiza uma consciência separada do real que, no entanto, ela exprime. Para Brecht, o teatro é didática dessa separação, mostra como a violência do real só é eficiente no hiato entre o efeito real e sua representação dominante. O próprio conceito de ideologia cristaliza a certeza ‘científica’ de que as representações e os discursos devem ser lidos como as máscaras de um real que eles denotam e dissimulam. Há, como viu Althusser, disposição sintomal; a representação é sintoma (para ler, para decifrar) de um real do qual ela é a localização subjetiva como desconhecimento. O poder da ideologia é apenas o do real, na medida em que ela transita nesse desconhecimento.” BADIOU, A. *O século*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 81-83.

defender que nos primeiros cinquenta anos do século XX, o *exemplo/modelo* era da Paixão pelo Real. O que isso quer dizer?

A título de conclusão provisória, é importante remarcar que as insurgências comunistas nas primeiras décadas do século passado fazem parte de um regime de ação e pensamento bem mais amplos que suas colorações políticas imediatas. Trata-se, como alguns autores tentam defender, de uma *vontade pelo Real*, uma vontade de saber o que é esse real e qual é sua exata delimitação, quais são seus limites e suas possibilidades de mudanças. É nesse caminho que o encontro impossível com esse objeto acaba por esbarrar em “falsos reais”, em “espantalhos” que são verdadeiras miragens. Desse encontro “verdadeiro” não se pode escapar sem riscos, sem traumas, seu enfrentamento o doloroso e, se conduzido de forma morna e gradual, acaba-se com toda a cena de uma só vez restando apenas espaços inssimbolizáveis. *É o momento então de uma reformulação da noção de “totalitarismo”*.

## 2. A RAZÃO CÍNICA

A teoria marxista-leninista abrange uma *ciência* (o materialismo histórico) e uma *filosofia* (o materialismo dialético).

A filosofia marxista-leninista é, portanto, uma das duas armas *teóricas* indispensáveis para a luta de classe do proletariado. Os militantes comunistas devem assimilar e aplicar os princípios da teoria: ciência e filosofia. A revolução proletária precisa de militantes que são tanto cientistas (materialistas históricos) quanto filósofos (materialistas dialéticos) para auxiliar na defesa e no desenvolvimento da teoria.

Olhemos para o outro lado da história.

A Razão Cínica, por sua vez, estaria ligada ao que o filósofo alemão Peter Sloterdijk chama acertadamente de *falsa consciência esclarecida*<sup>15</sup>.

Não a utilizando como um exemplo descrito no molde anterior, o Cinismo é um fenômeno eminentemente pós-moderno que corresponderia à segunda metade do

---

<sup>15</sup> Destaco o trecho: “ (...) escolher tal formulação significa aparentemente desferir um golpe contra a tradição do Esclarecimento. A frase mesmo é um cinismo em estado cristalino. Contudo, ela manifesta uma pretensão objetiva de validação; o ensaio em questão desenvolve o teor dessa pretensão e sua necessidade. É lógico que se trata de um paradoxo, pois como é que uma consciência esclarecida poderia ser ao mesmo tempo falsa? É disso que se trata aqui.” SLOTERDIJK, P. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 34.

século passado (corresponderia também às outras metades dos operadores funcionais dos séculos de Badiou). Em sua obra monumental *Crítica da Razão Cínica*, Sloterdijk estabelece os critérios de sua infundável investigação em cinco campos de concentração que vão desde as considerações preliminares (o esforço pela rigidez conceitual, manifestações imediatas da razão cínica, etc.), passando até as críticas fisionômica, fenomenológica, lógica e histórica. Em poucas palavras, pode-se definir a razão cínica pela sentença: “eu sei muito bem, mas mesmo assim o faço” (*je sais bien, mais quand même...*).

Vladimir Safatle também esclarece esse ponto: na medida em que o “cinismo deve ser compreendido como categoria maior para a análise das dinâmicas de racionalização em operação nas múltiplas esferas de interação social no capitalismo contemporâneo” porque “para o cínico, não é apenas racional ser cínico, só é possível ser racional sendo cínico”.<sup>16</sup> Em outras palavras, trata-se de uma “autodesnazificação mascarada” que opera sempre em um vácuo<sup>17</sup>.

Seguindo a linha de raciocínio de Sloterdijk sobre a globalização e os três momentos, no *Ira e Tempo* (2006) ele apresenta uma teoria geral da Ira como motor de toda e qualquer psicopolítica possível. No mesmo caso, essa “genealogia da Ira” apresenta três momentos: a) A descoberta do banco metafísico da vingança; b) A revolução timótica – o banco comunista da ira; e c) A dispersão da ira na era dos meios. Na própria revolução da ira, os “bancos comunistas” podem ser analisados conforme nossa proposta oferece, em dois momentos. Nessa segunda metade, a Era da Razão Cínica da segunda metade corresponderia aos feitos extraordinários da Revolução Cultural Chinesa e à figura de Mao Tsé-Tung.

---

<sup>16</sup> SAFATLE, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008, p.12-13.

<sup>17</sup> Um dos exemplos possíveis é o caso do “vácuo europeu” desenhado por Peter Sloterdijk no seguinte trecho: “Se o ano de 1945 tem para a memória europeia um significado marcante e traumático, é antes de tudo porque o fim da Segunda Guerra Mundial coincidiu com uma arrasadora lição de geopolítica internacional (...) a Europa, outrora coração da ideia das Cruzadas, tornou-se, no século XX, ela própria objeto de uma cruzada. (...) Foi só com os eventos de 1945 que a Europa se tornou, efetivamente e para si mesma, aquilo que antes, do ponto de vista geográfico, após a descoberta do novo Ocidente por Colombo, ela parecia ter se tornado pelo menos no nome: o Velho Mundo. (...) Para melhor entender a modalidade desse ‘retorno’ é útil esboçar em linhas gerais as características culturais e psicopolíticas dessa letargia da Europa. O período de 1945 a 1989 aparece hoje aos nossos olhos como uma unidade psi-histórica relativamente coerente, cuja conexão, conforme a compreendemos de modo hesitante, é dada pelo início e o término do choque do descentramento europeu. (...) Para seus habitantes, principiou uma era de ideologias vazias, que tinham em seu conjunto a tarefa de interpretar e justificar o deslocamento da posição europeia do mundo político, agora fora do centro.” SLOTERDIJK, P. *Se a Europa despertar: reflexões sobre o programa de uma potência mundial ao final da era de sua letargia política*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 15-20.

Sobre isso, o filósofo alemão resume esse fenômeno com uma acidez crítica peculiar:

Quem tivesse acreditado que o direcionamento de energias timóticas por meio do *management* stalinista da ira teria alcançado um grau de frieza política real que não poderia mais ser ultrapassado constata agora duplamente por meio do maoísmo que as coisas não são bem assim. A primeira lição está contida na descoberta levada adiante por Mao Tsé-tung de um novo tipo de guerrilha, que passou por sua prova de ferro no período da guerra civil entre 1927 e 1945 – e ela serviu como fonte de inspiração a inúmeros “exércitos de libertação” do Terceiro Mundo; a segunda lição pode ser aprendida por meio da famigerada revolução cultural dos anos 1960, junto à qual, como todos se lembram, um desencadeamento do ódio da juventude rebelada contra a geração mais antiga dos detentores da cultura assumiu a posição da luta entre classes sociais. Também neste caso, os problemas do *management* da ira se encontravam no centro. O que marcou a política de Mao desde o primeiro instante foi a substituição metodicamente empreendida de energias revolucionárias em falta por meio de uma direção político-militar de um furor provocado e instrumentalizado entre grupos.<sup>18</sup>

Já esta se configura como um novo produto de uma lógica emergente na qual orienta os meios de informação a não mais distinguir os pontos de vista, mas sim de reproduzi-los sem qualquer diferença – a própria forma político-governamental de apresentação escancaradamente vazia, quando não bandida, além do próprio uso que se faz do direito como um instrumento perverso de adaptação dos interesses soberanos. As duas lições abstratamente consideradas formam esse conjunto de ação e pensamento que é a Razão Cínica.

Mas, afinal, por que apresentar isso deve ser importante?

Pelo simples fato de incorporar suas próprias críticas imediatas, qualquer proposta sob o regime da Razão Cínica anula qualquer possibilidade de se construir o novo, recaindo em si mesma agora sob a aparência de uma “novidade do mesmo”, remoendo e repetindo feitos e ditos de acordo com as paixões e sensações mais ordinárias. É um modelo com a incrível capacidade de se autosustentar anulando-se, um caso curioso de implosão tática e estratégica.

Se há 150 anos com a publicação de *O Capital* em 1967 quase tudo era possível e a todo o momento era tentado, há 100 anos esse potencial decaiu e quase tudo era possível – a não ser que estivesse orientado para furar ou tocar o real, para explodir

---

<sup>18</sup> SLOTERDIJK, P. *Ira e tempo: ensaio político-psicológico*. tradução de Marco Casanova. – São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 219.

a ordem existente – com seu início pela Revolução de 1917. Passados aproximadamente 50 anos, a ebulição sócio-política da Revolução Cultural e do ano de 68 já não tinham sequer a potencial de causar graves distúrbios no horizonte de possibilidades do século. O que parecia ser o momento da ruptura revolucionária enfim conquistada, não passou de uma homenagem ao espetáculo resumido nos dias de hoje sob o tacanho nome de pós-fordismo ou todos os outros nomes para uma globalização orientada pelos ditames do Mercado. *É neste momento em que uma reformulação da teoria da ideologia poderia vir a aparecer.*

O que podemos dizer de 2017?

Em um mundo pós-globalização de expectativa tendente a zero, uma palavra parece corresponder ao cenário atual onde encontramos: a palavra *catástrofe*. Pode-se dizer que ultrapassamos o século XX com uma mistura harmoniosa entre a Paixão pelo Real e a Razão Cínica, ambas atravessando-o de mãos dadas rumo ao futuro. Contra essas duas tendências é preciso pensar OS DOIS SÉCULOS.

### **3. COMO RESULTADO: CONFUSÃO TÁTICA E ESTRATÉGICA**

A formação desses filósofos vai de encontro a duas grandes dificuldades. Primeiro, a dificuldade *política*. O filósofo profissional que se junte ao Partido continua sendo, ideologicamente, um pequeno burguês. Ele deve revolucionar seu pensamento de forma a ocupar uma posição de classe proletária na filosofia. Essa dificuldade política é "*determinante* em último caso". A segunda é a dificuldade teórica. Nós sabemos com que direcionamento e com quais princípios devemos trabalhar a fim de definir essa posição de classe na *filosofia*. Mas devemos desenvolver a filosofia marxista: é teórica e politicamente urgente fazer isso. Agora, esse trabalho é vasto e difícil. Dentro da teoria marxista, a filosofia ficou para trás da ciência da história. Atualmente, em nossos países, essa é a dificuldade "dominante".

Como objetivo, este trabalho tentou fazer um balanço geral das diferentes formas de associação social deste brevíssimo século XX. Se por um lado a Paixão pelo Real nos permite falar em nome de um *outro* completamente difuso (o mais correto seria falar de uma outra ordem) com o qual os participantes de um projeto deve necessariamente comprometer-se, na Razão Cínica fala-se em nome de um *outro* que nos usa diretamente como um fantoche, um típico ato de perversão – os agentes estão

em plena disposição de um outro capaz de controlá-los. E isso parece ficar claro no decorrer dos anos<sup>19</sup>.

Ao identificar “as gêmeas do século XX”, suas quatro possíveis operadores funcionais ( o “pequeno século soviético”; o século guiado pela “memória”; o século comunista; o século da vitória do capital), defende-se que tanto a Paixão pelo Real quanto a Razão Cínica se apresentam como dois adversários a serem vencidos por uma outra forma-de-vida. O que vem de encontro à essas formas é o projeto de um Futuro orientado pela Hipótese Comunista.

É preciso insistir que os dois *exemplos* de regimes de organização, os “irmãos gêmeos”, constroem mundos disformes a todo o momento. A Paixão pelo Real (do século XX) eleva a mobilização intensa e muitas vezes agressiva no cumprimento de seu único projeto: demolir os pilares da realidade e se encontrar com o Real; a Razão Cínica resfria seus movimentos internos e abafa qualquer possibilidade de subversão. Seu projeto: reforçar os pilares e refugiar-se na realidade na mais formosa fuga do Real.

Uma nova conjuntura emergida com a virada do século fez que os números das páginas do Grande Livro da História Universal fossem embaralhados, cabendo a nós, como primeira das tarefas de um novo século, recolhê-las e organizá-las. Remarcando os quatro pontos de nossa autocrítica: 1) Nós, os marxistas devemos ler os “não-marxistas” cada vez mais tanto para nos apropriarmos de suas considerações quanto para conhecermos nossos adversários teóricos; 2) Analisar a Revolução de 17 a partir do paradigma da Paixão pelo Real abre a possibilidade para uma nova teoria dos totalitarismos; 2) Analisar os movimentos da segunda metade do século XX sob o paradigma da Razão Cínica abre a possibilidade para uma nova teoria da ideologia; 4) Identificar nosso tempo como uma mescla dos dois paradigmas (ainda inominável) nos faz reconhecer que enfrentamos uma confusão tática (teórica) e estratégica (prática). É preciso pensar o novo.

\*\*\*

---

<sup>19</sup> “Em ressonâncias horizontais do tipo citado fundamenta-se a continuidade funcional entre o culto ao líder pelas massas em descarga da primeira metade do século XX e o culto ao estrelismo pelas massas do entretenimento na segunda metade.” SLOTERDIJK, P. *Desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 30.

*“(...) a questão-chave é a do novo. Que é o novo? A questão obceca o século, porque, desde seus primórdios, ele se evocou como figura do começo. E, acima de tudo, (re)começo do homem: o homem novo.”*<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> BADIOU, A. *O século*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007, p. 30.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *A filosofia como uma arma revolucionária – fevereiro de 1968*. Disponível em: <http://www.marxistsfr.org/portugues/althusser/1968/02/filosofia.htm>

BADIOU, A. *O século*. [tradução Carlos Felício da Silveira]. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007.

ENGELS, F. *Carta a Conrad Schmidt (em Berlim) – 5 de agosto de 1890*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/08/05.htm>

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. (Campo teórico)

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991*. tradução Marcos Santamita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAZZARATO, M. *Glossário do homem endividado*. São Paulo: n-1 edições, 2016. (PANDEMIA Série de cordéis)

SAFATLE, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SLOTERDIJK, P. *Desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. tradução Claudia Cavalcanti. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, P. *Ira e tempo: ensaio político-psicológico*. tradução de Marco Casanova. – São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SLOTERDIJK, P. *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica*. tradução de Claudia Cavalcanti. – São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

ŽIŽEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. (Estado de Sítio)

---

\* Graduado em Ciências Sociais e História pela Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES, graduado em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Coordenador do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia – CEII (<http://ideiaeideologia.com/>). Contato eletrônico: [garbozajm@gmail.com](mailto:garbozajm@gmail.com). Este trabalho já foi parcialmente desenvolvido em texto ainda não publicado datado e escrito no mês de maio de 2017. Quaisquer eventuais parágrafos ou passagens semelhantes foram adicionados.